

—Revista Cristã—
Última Chamada

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse



Kenneth L. Gentry, Jr.

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

ANDREW MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo

— Revista Cristã —
Última Chamada

- Edição de Agosto de 2020 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.

Site: <https://postmillennialworldview.com/>
Acessado dia 12 de Março de 2020

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Agosto de 2020 –

Capa: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Agosto de 2020
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Prefácio	08
– UM –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	09
– DOIS –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	13
– TRÊS –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	16
– QUATRO –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	21
– CINCO –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	25
– SEIS –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	31
– SETE –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	35
– OITO –	
Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse	41
Conclusão	44
Obras Importantes para Pesquisa	47

Sobre o autor



Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., é um pastor, escritor, palestrante e conferencista conservador reformado. Nasceu e cresceu em Chattanooga, Tennessee. Obteve o seu título de Mestre em Divindade (M.Div.) no Reformed Theological Seminary e o Mestre (Th.M.) e Doutor em Teologia (Th.D.) no Whitefield Theological Seminary. Ele é o Diretor do NiceneCouncil.com e pastor na Reformed Presbyterian Church, General Assembly. É casado (desde 1971) e tem três filhos e cinco netos.

Prefácio

Enquanto muitos imaginam o Apocalipse como um livro que fala de explosões atômicas, desastres ecológicos e cenas dignas de filmes de hollywood, o Dr. Gentry nos estimula a ver com outra lente, ou seja, como um drama que emprega uma ação legal vinda da parte de Deus. Baseado em Sua Lei, Deus coloca Sua antiga esposa, a nação de Israel, sob julgamento por adulterado com Roma ao matar o Messias, Jesus Cristo.

Tenho certeza que essa perspectiva interpretativa soará estranha para muitos leitores da Bíblia. E, de fato, essa perspectiva há de desmanchar todo castelo ficcional construído em torno do livro do Apocalipse.

Quem sai ganhando nessa forma diferente de interpretar o Apocalipse são todos os leitores que de fato amam as Sagradas Letras. Precisamos que os cristãos em geral aprendam a trilhar caminhos interpretativos mais sadios, pois só assim estarão mais aptos para apresentar o Evangelho como uma boa notícia não somente do ponto de vista do pós-morte, mas também sobre o futuro da humanidade.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

Um Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Estou iniciando uma nova série de estudos que apresentarão um caso detalhado para identificar o rolo de sete selos em Apocalipse. O Apocalipse é um drama performativo que emprega retórica forense. A sucessão de cenas informará cada vez mais o público da ação legal empreendida no interior. A identidade deste pergaminho exercerá uma grande influência interpretativa sobre os capítulos posteriores do Apocalipse.

Ao apresentar esse drama do tribunal, traçarei de maneira geral o interessante enredo jurídico do Apocalipse, depois reforçarei e apresentarei as evidências específicas que me levam a esse entendimento.

(1) João abre anunciando em termos inequívocos a autoridade absoluta de sua mensagem. Em última análise, vem de Deus através de Cristo para o anjo e finalmente para João (Apocalipse 1:1). Com essa cadeia de autoridade, João de maneira legal “deu testemunho” (Apocalipse 1:2) da mensagem. Testemunhas e testemunhos desempenham um papel importante ao longo do livro. A palavra grega para “testemunha” (*martus*) tem como significado primário a ideia de testemunha legal, como em um processo judicial (cf. Deuteronômio 17:6; 19:15; Mateus 18:16; 26:65; Atos 6:13; 7:58; 2ª Coríntios 13:1; 1ª Timóteo 5:19; Hebreus 10:28).

(2) João declara que os eventos de Apocalipse são questões historicamente prementes iminentes em seus dias. Eles devem “acontecer em breve” (Apocalipse 1:1), pois “o tempo está próximo” (Apocalipse 1:3). Mais tarde, ele concluirá seu drama reafirmando a proximidade dos eventos proféticos (Apocalipse 22:6, 10). Qualquer que seja o drama que exija tanta autoridade e testemunha legal, ele deve se relacionar diretamente com a Igreja do primeiro século - pois isso se dará em sua experiência.

(3) Enquanto João se prepara para declarar seu tema, ele se concentra em Cristo como “a testemunha fiel” (Apocalipse 1:5; cp. também com Apocalipse 3:14). Claramente, o público original deve reconhecer o caráter legal do que está por vir.

(4) Ele então estabelece seu tema jurídico, que se concentra no julgamento de Cristo contra os judeus que crucificaram a Cristo: “Eis que Ele vem com as nuvens, e todos os olhos o verão, mesmo aqueles que o traspassaram; e todas as tribos da terra (lit.: “terra”) lamentarão sobre ele. Mesmo assim. Amém”(Apocalipse 1:7). (Para evidências de que seu tema retrata o julgamento de Cristo no Israel do primeiro século, veja o capítulo 8 de meu livro *Before Jerusalem Fell*). De fato, duas das Sete Cartas alertam especificamente os destinatários sobre o antagonismo dos judeus raciais. Segundo ele, os judeus não são dignos do nome “judeu” (cp. Romanos 2:28–29), pois são da “sinagoga de Satanás” (Apocalipse 2:9; 3:9; cp. compare denúncia semelhante de Jesus (João 8:44).

De acordo com o tema da iminência-expectativa e do julgamento de Israel, Cristo promete até que aqueles judeus que os perturbam em breve serão humilhados - evidentemente no ano 70 d.C.: “Eis que farei os da sinagoga de Satanás, que dizem que eles são judeus, e não são, mas mentem - eis que farei que se curvem a seus pés e saibam que te amei” (Apocalipse 3:9; cp. Mateus 24:2, 16; 1ª Tessalonicenses 2:15-16).

(5) Cristo aparece formalmente na visão inaugural de Apocalipse (Apocalipse 1:13–20) para com autoridade autorizar João a escrever a profecia, aumentando ainda mais a autoridade do testemunho de João: “Escreva, portanto, as coisas que você viu e as que são, e as coisas que acontecerão depois dessas coisas” (Apocalipse 1:19). De fato, o Senhor coloca a mão sobre ele para levá-lo para sua tarefa (Apocalipse 1:17). Jesus explica que ele próprio “estava morto”, mas agora está “vivo para sempre” (Apocalipse 1:18), apesar do fato de os judeus “o terem perfurado” até a morte (Apocalipse 1:7).

(6) O processo de julgamento atual começa com João sendo convocado diante de Deus, onde vê o Senhor sentado em seu trono judicial: “Depois dessas coisas, olhei e vi uma porta aberta no céu e a primeira voz que ouvi, como o som de uma trombeta falando comigo, disse: 'Suba aqui, e eu mostrarei a você o que deve acontecer depois dessas coisas'. Imediatamente eu estava no Espírito; e eis que um trono estava no céu, e um sentado no trono” (Apocalipse 4:1–2). Deus está cercado por seu tribunal celestial, os vinte e quatro anciãos sentados em seus tronos (Apocalipse 4: 4). João frequentemente menciona o trono de Deus e o controle celestial dos eventos terrestres em Apocalipse (ver esp. Apocalipse 1:4; 4:5; 6:16; 7:10; 12:5; 19:4; 20:11).

(7) Quando João olha para este tribunal celestial, ele nota um documento selado na mão direita de Deus (Apocalipse 5:1). Este documento envolve o assunto central pelo qual ele foi convocado para o tribunal, pois todo o tribunal celestial concentra sua atenção nele (Apocalipse 5:2–4) e inicia os primeiros julgamentos a seguir (Apocalipse 6:1–8:1). Depois de alguma consternação sobre quem pode abri-lo (Apocalipse 5:2–4), ele logo descobre que o “Cordeiro” que havia sido “morto” (conforme o tema, Apocalipse 1:7) é o único digno de abrir documento do tribunal (Apocalipse 5:2, 5). A vítima é a testemunha. O pergaminho está sendo selado e seu manuseio no tribunal de Deus sugere que é algum tipo de documento legal.

(8) De acordo com o tema do julgamento de Apocalipse contra Israel (Apocalipse 1:7), João apresenta o Cordeiro em imagens muito judaicas: “Eis que o Leão que é da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e seus sete selos” (Apocalipse 5:5). Esse Cordeiro morto, mas vivo, torna-se a figura dominante do Apocalipse, aparecendo vinte e sete vezes nos capítulos 5–7, 12–15, 17, 19, 21–22. No drama inicial, ele aparece entre o trono de Deus e os anciãos (Apocalipse 5:6) e é louvado junto com Deus (Apocalipse 5:13). Mais tarde, ele aparece “no centro de” e “no” trono (Apocalipse 7:17; 22:1, 3).

(9) Quando o Cordeiro morto, mas que está vivo, começa a selar esse pergaminho legal, derramamentos de juízos são derramados sobre “a terra” de Israel (Apocalipse 6–19 com interlúdios). Na abertura do quinto selo, João vê as almas dos santos falecidos clamando por Deus para “julgar e vingar” seu sangue sobre aqueles que “habitam na terra [literalmente]” (Apocalipse 6:10). É-lhes prometido que devem esperar apenas “um pouco mais” (Apocalipse 6:11). Essa cena nos lembra a parábola de Jesus em Lucas 18:1–8, onde ele promete que Deus exercitará rapidamente a justiça para seus eleitos que clamam dia e noite a ele (Lucas 18:7–8). Também devemos comparar a cena à denúncia de Cristo aos líderes de Israel em Mateus 23. Ele promete seu julgamento em breve (Mateus 23:36) por derramar sangue inocente (Mateus 23:34–35). Essas vítimas dos judeus foram perseguidas por causa de seu alinhamento com Cristo (Apocalipse 17:6; 19:2; cp. 7:14;

Dois

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Esta é minha segunda parte sobre a identidade do Pergaminho de sete selos em Apocalipse. Este símbolo é crucial para entender o ponto de Apocalipse. Começarei de onde parei da última vez (parece lógico, não é?).

(10) Em Apocalipse 10, vemos o pergaminho totalmente aberto e na mão de um anjo forte (Apocalipse 10:2). Este é Cristo aparecendo como o "Anjo da Aliança" que é esperado em Malaquias 3:1 com o objetivo de julgar Israel. Ele aparece aqui em forma angelical, porque é um "mensageiro" [aggelos] prestando juramento como testemunha legal (Apocalipse 10:1, 5, 6). Essa visão aparece logo antes da declaração mais clara de Apocalipse sobre o templo terrestre em Jerusalém: Apocalipse 11:1–2 (ver próximo ponto).

(11) Então a cena se volta para o pisoteio do templo terreno (casa de Deus) pelas nações (Apocalipse 11:1-2):

“E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram.

E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses”.

Esta afirmação é claramente baseada na profecia de Jesus em Lucas 21:24, na qual ele denuncia o templo (cf. Lucas 21:5-6). Esse pisoteio é legalmente afirmado mais uma vez, desta vez por “minhas duas testemunhas” (Apocalipse 11:1-3). Na Lei de Deus, dois é o número essencial para o testemunho em tribunal e é particularmente importante em casos capitais (cp. Números 35; Deuteronômio 17:6; 19:15; João 18:17; Hebreus 10:28).

(12) À medida que o drama avança cada vez mais para o seu clímax, João coloca em primeiro plano duas personagens femininas. Uma é a prostituta babilônica (Apocalipse 14:8; 16:19; 17:1; 18:2, 10, 21; 19:2), que é descrita em grande detalhe para ênfase (Apocalipse 17:1-7). Esta prostituta simboliza Jerusalém histórica, a capital da antiga aliança Israel (ver Cap. 11 abaixo). A outra mulher é a noiva do Cordeiro (Apocalipse 19:7-9; 21:2-22:5), que é a “nova Jerusalém”, o próprio objetivo do Apocalipse. Ela também é descrita em detalhes para dar ênfase (Apocalipse 21:10-22:5).

Como observa Witherington:

“O livro inteiro está avançando rumo a uma conclusão, que é revelada nessas duas seções [Apocalipse 17 e 22], envolvendo a destruição da Babilônia e sua substituição pela Nova Jerusalém.”

O testemunho dos dois profetas é profetizar contra a Jerusalém terrena e o templo terrestre, e anunciar a Jerusalém celestial e o Templo celestial. A segunda metade do livro corresponde exatamente a esse programa. A Jerusalém terrestre, sob a figura de Babilônia, está condenada e destruída; a Jerusalém celestial toma seu lugar. “Todo o quadro literário do livro se torna claro e simples quando a prostituta é identificada com Jerusalém”.

(13) Essas duas mulheres interpretam o tema do julgamento em termos de suas implicações negativas e positivas: a prostituta é publicamente apedrejada até a morte por sua prostituição (Apocalipse 16:19-17:1),

para que a nova noiva do Cordeiro possa descer do céu para ocupar seu lugar na terra (Apocalipse 21:2, 10). Isso retrata o julgamento e a remoção de Israel no ano 70 d.C., para que o cristianismo possa permanecer como a realidade histórica redentora final (cp. Mateus 8:10–12; 19:28; Hebreus 12:18–28).

(14) O julgamento da prostituta babilônica dá lugar a uma “ceia do casamento” comemorativa (Apocalipse 19:7, 9). Isso leva ao julgamento de Cristo que aparece no ano 70 d.C. como a testemunha vingadora que é “fiel e verdadeira” por “em justiça Ele julga e empreende guerra” (Apocalipse 19:11).

(15) Então Apocalipse se concentra na tomada de uma nova “noiva” (Apocalipse 19:7; 21:2, 9), que é a “nova Jerusalém” (Apocalipse 21:2, 10). “A semelhança muito próxima das palavras de [Apocalipse 21:9] a 17:1, onde é anunciado o julgamento da grande prostituta, torna óbvio o paralelo pretendido” entre a noiva e a prostituta. Essa “nova Jerusalém” obviamente substitui a antiga Jerusalém, seguindo não apenas a história de João, mas também o padrão de Paulo e Hebreus (Gálatas 4:25-26; Hebreus 12:18, 22).

Em poucas palavras, é assim que o drama forense de Apocalipse se desenrola ao mostrar seu tema de julgamento declarado (Apocalipse 1:7). Explicarei esse movimento detalhadamente em meu comentário, mas, por enquanto, deixe-me considerar a imagem histórico-redentora que informa essa abordagem.

Três

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Este é o meu terceiro artigo sobre a identidade do rolo de sete selos em Apocalipse. Neste artigo, tratarei do casamento da aliança, que é essencial para entender o divórcio da aliança que ocorre em Apocalipse.

Devemos reconhecer desde o início que Apocalipse é um livro extremamente hebraico que se baseia muito no Antigo Testamento. E devemos entender que o versículo temático de João adverte sobre o julgamento de Cristo contra os judeus.

Para entender melhor o drama do tribunal de João, devemos considerar o cenário importante do Antigo Testamento, que todos concordam que é tão importante para interpretar o Apocalipse. O livro de João é a pedra angular da revelação bíblica; é “o ponto culminante de toda a Escritura, tanto do Antigo como do Novo Testamento”.

Não apenas extrai livremente do Antigo Testamento, mas apresenta em **negrito alívio** as enormes implicações histórico-redentoras da vinda e obra encarnada de Cristo na era do Novo Testamento. Seu advento transforma a fé bíblica de sua semente tipológica, nacional e temporária em Israel, em seu fruto permanente, internacional e integral na Igreja como “o Israel de Deus” (Apocalipse 6:16).

As imagens específicas que João emprega para esse fim são notáveis. Citarei vários estudiosos que nos ajudam a entender o assunto. Devemos lembrar que “em toda a Bíblia, o relacionamento de Deus com seu povo é retratado como um casamento”. No Antigo Testamento, em particular, “o relacionamento entre Deus e Israel era... muito frequentemente visto como análogo ao do marido e mulher”.

Consequentemente, o casamento aparece como a metáfora dominante que retrata a relação de Israel com Deus. Como o Velho Testamento declara claramente: “Seu marido é seu Criador, / cujo nome é o Senhor dos Exércitos” (Isaías 54:5a; cp. Isaías 50:1; 62:4; Jer 2:2; 3:14, 20; 31:32; Oséias 1:2; 2:2, 7, 16; 5:4; 9:1, 10). Até a terra é considerada “casada” com Deus (Isaías 62:4). Assim, quando Israel cai na adoração de ídolos, ela procura, em essência, se casar com deuses estrangeiros: “Judá fez traições e uma abominação foi cometida em Israel e em Jerusalém; pois Judá profanou o santuário do Senhor que ama e casou-se com a filha de um deus estrangeiro” (Malaquias 2:11; cp. Ezequiel 23).

Outro estudioso observa que Ezequiel “desenvolve a metáfora em sua maior extensão”, apresentando a imagem mais clara de Deus realmente se casando com Israel (Ezequiel 16). Ele acrescenta:

“Ezequiel 16:8 reflete sobre o original de Deus que o levou para sua esposa no deserto depois de deixar o Egito: ‘E, passando eu junto de ti, vi-te, e eis que o teu tempo era tempo de amores; e estendi sobre ti a aba do meu manto, e cobri a tua nudez; e dei-te juramento, e entrei em aliança contigo, diz o Senhor DEUS, e tu ficaste sendo minha’”.

Jeremias chega perto de Ezequiel a esse respeito. Ele também fala diretamente do noivado original de Israel com Deus: “Vá proclamar aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: 'Assim diz o Senhor:

“Vai, e clama aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim diz o Senhor: Lembro-me de ti, da piedade da tua mocidade, e do amor do teu noivado, quando me seguias no deserto, numa terra que não se semeava” (Jeremias 2:2; compare com Oséias 2:15–16, que também lembra aquela ocasião feliz).

O judaísmo rabínico capta essas imagens e fala da aliança do Monte Sinai como o “Dia da Esposa” de Israel, com a descida da nuvem Shekinah sobre o tabernáculo, retratando a consumação conjugal. Um estudioso do Antigo Testamento observa:

“Os rabinos exaltaram a conclusão do pacto no Sinai como o casamento do Senhor com Israel”. Seu “eu sim” conjugal aparece em seu compromisso vocal: “Todas as palavras que o Senhor falou, faremos!” (Êxodo 24:3). Curiosamente, Êxodo 24 também inclui uma visão do trono quando os anciãos “viram o Deus de Israel; e sob Seus pés parecia haver uma calçada de safira, tão clara quanto o próprio céu” (Êxodo 24:10). O casamento da aliança de Deus é legalmente afirmado. Ezequiel 16:8 mostra “que entrar em berith [aliança] com Israel é chamado de casar com ela”; Oséias “identificou a ideia berith e sua ideia favorita de casamento entre Jeová e Israel”.

Assim, o templo (e seu precursor, o tabernáculo) é a “casa” de Deus, onde ele mora com sua esposa: “Construam um santuário para Mim, para que eu habite no meio deles” (Êxodo 25:8). Muitas referências ao templo (ou tabernáculo) falam de ser a morada especial de Deus com seu povo (Êxodo 29:45; Levítico 26:9–13; 1º Reis 8:10–13; Salmos 132:13–15; Mateus 23:21; Jó 1:17; 25:21). Isso é enfatizado na profecia de Ezequiel sobre o futuro templo, onde ele lembra Israel de seu fracasso passado em viver em aliança com Deus: “quando você trouxe estrangeiros, incircuncisos no coração e incircuncisos na carne, para estar no Meu santuário para profaná-lo, até a minha casa, quando você ofereceu a minha comida, a gordura e o sangue; porque eles anularam o Meu pacto - isto além de todas as tuas abominações” (Ezequiel 44:7; compare com Ezequiel 37:26–28). A casa de Deus está localizada na

cidade de Jerusalém, onde ele escolheu seu nome para “habitar” (Deuteronômio 12:5, 11; 26:2). Como Josefo lamenta após a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.: “Onde está a cidade que se acreditava ter o próprio Deus habitando nela?” (TJ 7:8:7).

Enquanto continuamos refletindo sobre as imagens conjugais, “no Pentateuco, ouvimos falar do ciúme de Javé, uma emoção que só é apropriada para um relacionamento exclusivo como o casamento (Êxodo 19:3-6; 20: 2-6; 34:14). O ciúme é apropriado e até esperado em relacionamentos conjugais (Números 5:14, 29, 30; Provérbios 6:32–34; Cânticos 8:6). A palavra “ciumento” (qanah) é a mesma usada na lei do ciúme, projetada para o marido descobrir se sua esposa cometeu adultério (Números 5:11–31). Como em uma união conjugal, “o ciúme do Senhor insiste em que seu povo observe suas reivindicações exclusivas sobre eles (Deuteronômio 6:13–15)”. As muitas referências ao ciúme de Deus são significativas na medida em que “a palavra significa zelo conjugal especificamente, inveja na relação conjugal”. Veja: Êxodo 20:5; 34:14; Números 25:11; Deuteronômio 4:24; 5:9; 6:15; 29:20; 32:16, 21; Josué 24:19; 1º Reis 14:22; Salmos 78:58; 79:5; Ezequiel 16:38, 42; 23:25; 36:5-6; 29:25; Naum 1:2; Sofonias 1:18; Zacarias 1:14; 8:2.

Muito cedo em sua história nacional, o potencial de Israel para adorar falsos deuses é retratado como prostituição contra o marido, cujo nome é “ciumento” (Êxodo 34:14). Portanto, a obrigação de Israel de “se apegar/apegar” ao Senhor (Deuteronômio 10:20; 11:22; 13:4) é a mesma palavra (dabaq) que é usada em Gênesis 2:24 de um homem que se apega à sua esposa.

Nas Escrituras, Deus ordena o casamento humano desde o princípio, para que dois “se tornem uma carne” (Gênesis 2:24). Assim, mais tarde, nas Escrituras, aprendemos que o casamento humano é estabelecido mediante convênio diante de Deus, que efetua uma união legal vinculativa (Mateus 19:6). Vemos essa realidade da aliança por trás de dois importantes textos do Antigo Testamento: em Provérbios 2:17, a

adúltera que deixa seu marido legalmente “esquece a aliança de seu Deus”. Em Malaquias 2:14, Deus é “testemunha” contra Israel porque os homens estão lidando traiçoeiramente com suas esposas, e uma esposa é considerada “esposa por convênio”.

Quatro

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Esta é a quarta parte de uma série de oito partes sobre as imagens cruciais envolvidas no decreto de sete selos do Apocalipse.

Na promessa da nova aliança de Jeremias, Deus reclama de Israel de infidelidade observando que eles quebraram a sua aliança, embora “eu tinha os dominado [ba'l] como um marido” (Jeremias 31:32). Este verbo deriva de uma raiz que significa “tornar-se mestre”. Portanto, como observam os estudiosos do Antigo Testamento, significa casar “com ênfase nos direitos e autoridade que o marido exercia”, compare com Gênesis 20:3; Números 5:19–20, 29; Deuteronômio 21:13; 22:22. Enquanto a palavra para “marido” (h's) “é aparentemente uma expressão carinhosa”, ba'l “ênfatisa a posição legal do marido como senhor e ‘dono’ de sua esposa”. A relação jurídica e a obrigação subsequente estão claramente à vista.

As Escrituras frequentemente expressam a volta de Israel a outros deuses como infidelidade conjugal, violando a aliança legal de Deus com ela. Em Deuteronômio, Deus diz a Moisés que, depois que ele morresse, Israel “brincar-se de prostituir-se com os deuses estranhos da terra”, os quais “quebrarão minha aliança” (Deuteronômio 31:16). De fato, o uso mais comum de *z'nub* (“agir como prostituta”) no Antigo Testamento refere-se à “infidelidade da aliança por parte de Israel”.

Moisés até adverte contra israelitas individuais “brincando de prostituta” adorando falsos deuses (Levítico 20:5-6). Aune menciona “a analogia da aliança entre Yahweh e Israel e os contratos de casamento (Levítico 17:7; 20: 5–6; Números 14:33; 15:39; Deuteronômio 31:16; Juízes 2:17; 8:27; 1º Crônicas 5:25; 2º Crônicas 21:11; Salmos 73:27), uma metáfora encontrada com particular frequência nos profetas Oséias 1:2; 2:4 [Mateus 6]; 4:15; 9: 1), Jeremias 2:20; 3:2, 9, 13; 5:7, 11; 13:27) e Ezequiel 6:9; 16; 23; 43:7, 9)”.

Os profetas falam da infidelidade de Israel através da idolatria como ofensiva para o marido: “Então aqueles de vocês que escaparem se lembrarão de Mim entre as nações para as quais serão levados em cativeiro, como fui ferido por seus corações adúlteros que se afastaram de Mim, e pelos seus olhos, que brincavam de prostituta atrás dos seus ídolos” (Ezequiel 6:9a).

Oséias desenvolve o tema da prostituição ao longo de todo o seu livro, até se casando com uma prostituta para ilustrar o pecado de Israel (Oséias 1:2; 3:1–3). Por exemplo, Oséias 2: 2 diz: “Contenda com sua mãe, discuta: / Ela não é minha esposa e eu não sou seu marido; / E deixe-a afastar a prostituição do rosto / e o adultério entre os seios”.

Jeremias 3:6 fala da mesma forma: “Então o Senhor me disse nos dias do rei Josias: 'Você viu o que Israel infiel fez? Ela subiu em todas as colinas altas e debaixo de todas as árvores verdes, e ela era uma prostituta lá’”.

Ortlund observa bem esse tema da prostituição: “o que começa quando os sussurros do Pentateuco se elevam mais tarde a gritos proféticos e, eventualmente, ecoam no ensino apostólico”. Eventualmente, essa imagem de prostituição é usada pelos profetas Oséias, Jeremias e Ezequiel, que “a exploram ao máximo”. Jeremias e Ezequiel o desenvolvem particularmente “em imagens elaboradas”. A metáfora da prostituta é aplicada a Israel várias vezes no Antigo Testamento.

Devemos perceber que, embora a acusação de prostituição tenda a se concentrar em sua manifestação mais flagrante na idolatria real, ela não se limita à adoração a ídolos. Na visão bíblica do casamento, a fidelidade da esposa envolve um relacionamento generalizado de obediência amorosa (Números 5:29; Jeremias 31:32; Efésios 5:22–23; 1ª Pedro 3:1, 6), não apenas seu adultério evitado. Consequentemente, há lugares em que as acusações de prostituição contra Israel falam de situações que não envolvem idolatria formal e real.

Quando a ilegalidade (não a idolatria) prevalece em Jerusalém, a “cidade fiel” se torna uma “prostituta” (Isaías 1:21–23). O mesmo é verdade quando uma pessoa consulta um médium, buscando conselho (revelação) à parte de Deus (Levítico 20:6). Este parece ser o pecado de Gideão em fazer o éfode (por buscar conselho revelador) que as Escrituras consideram prostituição (Juízes 8:27). Israel peca como prostituta (Oséias 6:10) por não confiar em Deus, mas em buscar alianças com o Egito e a Assíria em Oséias 7:10–11.

Em Oséias 7:11, o profeta “chama a pomba de 'facilmente seduzida' (pitâh); é 'inexperiente' e 'não inteligente' ('en leb). A pomba representa Israel, que é facilmente enganado politicamente pelas nações poderosas”. Rossing concorda:

“A 'prostituição' de Israel pode incluir acusação econômica das ligações estrangeiras de Israel, além de mudanças [sic] de idolatria... Alice A. Keefe sugere que os amantes estrangeiros de Oséias em Israel 'não são deuses da fertilidade, mas aliados estrangeiros e parceiros comerciais de Israel’”.

Como esposa de Deus, Israel deve ser fiel à sua aliança com Deus. Ela deve seguir “todos os meus mandamentos”, em vez de seguir seus próprios desejos, a fim de evitar prostituição (Números 15:38–40). Wolff capta bem o significado disso para nós:

“A força da declaração é que todas as preferências pecaminosas do eu autônomo, contrárias à lei de Deus, são uma espécie de prostituição, como se a sabedoria e os caminhos de Yahweh não fossem confiáveis”.

Israel está legalmente vinculado a Deus, assim como uma esposa está vinculada a seu marido por meio de convênio mútuo.

Cinco

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Este artigo continua uma série de oito partes no rolo de sete selos em Apocalipse 4-5. Esse pergaminho ocorre no início do Apocalipse: ele abre a trama do Apocalipse.

Portanto, agora vamos observar que, na economia do Antigo Testamento, os profetas de Deus funcionam como seus advogados. Eles processam as violações de Israel da lei da aliança de Deus, trazendo seu caso legal (riyb) contra eles. Assim como Deus era casado com Israel em seu trono (Êxodo 24:10), o divórcio dela resulta do trono dele.

Em Isaías 1:2, os céus e a terra são chamados como testemunhas contra Israel, conforme o exemplo mosaico (Deuteronômio 4:26; 30:19; 31:26, 28). Em Isaías 3:14, o Senhor “entra em julgamento com os anciãos e os príncipes” (compare Isaías 41:21; 43:26; 45:21). Em Miquéias 6:2, lemos: “Escutem, montes, a acusação do Senhor, / e fundamentos duradouros da terra, / porque o Senhor tem um caso contra o Seu povo; / Mesmo com Israel, ele disputará”. A passagem na qual Miquéias 6:2 aparece é “uma representação elaborada de um caso legal 'Yahweh vs. Israel', no qual Deus traz uma queixa contra seu povo” neste “processo de aliança”. Em Jeremias 30:13–14, o Senhor fala por meio de Jeremias, afirmando que “não há ninguém que pleiteie sua causa”, pois “todos os seus amantes o abandonaram”.

O profeta Oséias é um exemplo clássico do “advogado” de Deus movendo uma ação contra sua esposa infiel. Ele escreve que o Senhor “tem um caso contra os habitantes da terra” (Oséias 4:1) e “tem uma disputa com Judá” (Oséias 12:2). Oséias 2 é especialmente convincente. Seu “uso da palavra-chave costela” (“argumentar, acusar”, Oséias 2:4 [2]; 4:4; 'ação judicial', Oséias 4:1; 12:3 [2]) indica claramente que sua proclamação do divino a palavra é modelada após o procedimento legal no portão da cidade”.

Além disso, um comentarista do Antigo Testamento observa:

“Oséias compara o relacionamento do Senhor a Israel a um casamento, uma metáfora que ele combina no capítulo 2 com a imagem de um julgamento. Yahweh é o marido que acusa sua esposa, Israel, de infidelidade. O 'julgamento' sugere, assim, a forma de um processo de divórcio”.

Deus busca o divórcio formal, mesmo que ela tenha saído e se casado com outra pessoa: “ela não é minha esposa, e eu não sou seu marido” (Oséias 2:2b); ela diz: “Voltarei ao meu primeiro marido” Deus (Oséias 2:7c).

Claramente então, outro estudioso observa que “os profetas haviam falado como promotores da aliança de Deus, trazendo a acusação de Deus e declarando o veredicto de Deus”.

Na medida em que o casamento é um pacto legal, ele só pode ser anulado com base suficiente e por meio de processos judiciais emitidos em uma certidão de divórcio (Deuteronômio 24:1–4). Por causa do relacionamento conjugal existente entre Deus e Israel, os advogados de Deus do Antigo Testamento (os profetas) podem falar em sua declaração de “divórcio” contra ela quando ela pecar contra ele, justificando assim a destruição de seu templo e seu cativeiro na Babilônia:

“Assim diz o Senhor: 'Onde está o certificado de divórcio / pelo qual eu mandei sua mãe embora? / A quem de meus credores eu te vendi? / Eis que foste vendido pelas tuas iniquidades, / e pelas tuas transgressões, tua mãe foi mandada embora”.

(Isaiás 50:1)

“E vi que, por causa de tudo isto, por ter cometido adultério a rebelde Israel, a despedi, e lhe dei a sua carta de divórcio, que a aleivosa Judá, sua irmã, não temeu; mas se foi e também ela mesma se prostituiu”.

(Jeremias 3:8)

Outro estudioso ressalta que o convênio de Deus “estabeleceu um relacionamento legalmente definido”, o “casamento existe sob uma lei do casamento. Israel é acusado não apenas de ter sido deficiente em amor e afeto, mas de ter violado promessas distintas. Ela é legalmente culpada”.

Jeremias 2–3 é uma passagem muito interessante a esse respeito. O capítulo 2 fala do pecado de Israel, enquanto o capítulo 3 a chama ao arrependimento. “Todo o [segundo] capítulo tem fortes reminiscências de uma forma legal que era bem conhecida no mundo secular, o chamado padrão de costela... Israel está, por assim dizer, no tribunal sendo processado pelo Senhor em uma ação judicial (costela)”. Depois de lembrar a Israel do “amor aos seus noivos” (Jeremias 2:2), Deus a chama para ouvir (Jeremias 2:4-5), “contende” com ela (Jeremias 2:9) e chama o céu como testemunha (Jeremias 2:12). Ele está efetivamente pedindo a ela em um tribunal que explique o que a levou a se desviar dele.

Na medida em que Deus está movendo uma ação contra ela, ele apela à lei mosaica como padrão de justiça. Um comentarista de Jeremias argumenta que em Jeremias 3 “o versículo inicial contém uma paráfrase muito condensada da legislação referente ao casamento, divórcio e

novo casamento em Deuteronômio 24:1–4”: E ela sai dele, / E pertence a outro homem, / Ele ainda voltará para ela? / Essa terra não será completamente poluída? / Mas você é uma prostituta com muitos amantes; / Mas você se volta para mim!, declara o Senhor. Devemos observar que ele não apenas menciona especificamente “divórcio” e alude à legislação de divórcio mosaica, mas também a chama repetidamente de 'prostituta' (Jeremias 3:1–3, 6, 8–9), lembrando-a mais uma vez de seu noivado jovem com Deus (Jeremias 3: 4; compare com Oséias 2:15)”.

Em Isaías, aprendemos da importância de uma declaração de divórcio. Em Isaías 50:1, Deus convida Israel a apresentar sua declaração de divórcio. Por quê? Como Alexander diz: “Para que possamos ver a causa de seu repúdio”. Isso é necessário porque as pessoas estão reclamando que Deus não tem uma causa justa para se afastar dela: “Sião disse: 'O Senhor me abandonou / e o Senhor se esqueceu de mim’” (Isaías 49:14). Mas ele argumenta no tribunal que a chamou repetidamente, mas ela não respondeu (Isaías 50 2; confira Jeremias 7:13). A profecia de Jeremias observa o mesmo tipo de problema: Israel não pede a Deus (Jeremias 2:6), nem seus sacerdotes (Jeremias 2:8). Esse desinteresse no Senhor, essa recusa em voltar a ele nos lembra Israel no Novo Testamento (João 1:11; Mateus 10:6, 15-20; 15:7-9; 22: 1-7; 23:37).

Jerusalém é a cidade de Deus em que Deus habita em seu templo (2º Reis 23:27; Salmo 68:29). Assim, quando Jerusalém é destruída no cativeiro babilônico do Antigo Testamento, e seus habitantes são expulsos, eles são efetivamente expulsos de casa, longe da presença de Deus:

“Porque, por causa da ira do SENHOR, isso aconteceu em Jerusalém e Judá, que Ele finalmente os expulsou de Sua presença”.
(2º Reis 24:20; Jeremias 52:3)

“E agora, porque você fez todas essas coisas”, declara o Senhor, “e eu falei com você, levantando-me cedo e falando, mas você não ouviu, e eu te chamei, mas você não respondeu; faça à casa que é chamada pelo meu nome, em que confia, e ao lugar que eu dei a você e a seus pais, como fiz a Siló. E te expulsarei de diante de mim, como expulsei todos os teus irmãos, toda a descendência de Efraim”.

(Jeremias 7:13–15)

Em 1º Reis 6:11–13, Deus promete morar com Israel nesta casa se ela permanecer fiel (compare com Deuteronômio 12:10-11 e sua promessa anterior de morar em sua tenda com ela, Êxodo 25:8; 29:44-45). Assim, quando ela se torna infiel, Deus emite um decreto de divórcio para sua esposa da aliança antes que ele “a mande para fora de sua casa” (Deuteronômio 24:1), destruindo seu templo e enviando-a para o cativeiro (confira Jeremias 15:1–2): “Abandonei a minha casa / abandonei a minha herança; / Eu entreguei o amado da minha alma / nas mãos dos seus inimigos” (Jeremias 12:7). Em Jeremias 11:15, ele reclama das tentativas de Israel de ir ao templo enquanto se rebelava contra ele com deuses estranhos: “que direito tem o meu amado em minha casa?”

Deus não está simplesmente abandonando Israel sem mandado. Ele a está processando no “tribunal” com justa causa, testemunhas apropriadas e evidências legais. Ele até a chama por nomes pagãos para demonstrar a enormidade de sua infidelidade a ele. Em vários lugares, ele chama Israel de “Sodoma” (Isaías 3:8–9; Jeremias 23:14; Lamentações 4:6; Ezequiel 16:46, 48–49, 55–56; Amós 4:11), assim como João em Apocalipse 11:8 (confira Mateus 10:15; 11:23–24).

Na passagem de Ezequiel 16, o profeta está lidando com Israel como prostituta. Até os iníquos filisteus estão envergonhados com a má conduta de Israel (Ezequiel 16:27). A destruição do templo de Deus fala de seu abandono de Israel por desobediência (1º Reis 9:6–9; Jeremias 22:5; Lamentações 2:7; Miquéias 3:12; Baruque 2:26; T. Levi 15:1; 1º Enoque 89:56; Pesiq. R. 138a; 146a), pois “o templo [é] um

símbolo da ascensão e queda do povo de Deus de acordo com sua condição moral, ética e espiritual”. A desolação da terra também fala do casamento conturbado de Israel (Isaías 62:4). No primeiro século, a comunidade de Qumran denuncia Jerusalém como uma esposa odiada (4QLam 179).

Pela graça de Deus, mais tarde, no período do Antigo Testamento, Israel finalmente retornou à sua terra da deportação (Esdras 2; Neemias 7:6ss; 11:1ss) e reconstruiu a casa de Deus (Esdras 5:14-15), embora em menor número e escala do que o original de Salomão. Séculos mais tarde, Herodes o expande e o adorna magnificamente (João 2:20), tornando-a “a maior estrutura do gênero no antigo Oriente Próximo”, “a maior, maior e mais curta vida dos templos de Jerusalém”. Este templo reformado é a “casa” de Deus que Cristo e os apóstolos visitaram.

Seis

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Neste sexto capítulo de um estudo do rolo de sete selos de Apocalipse, devemos considerar a vinda de Cristo e suas consequências.

Curiosamente, Cristo alude às imagens de casamento do Antigo Testamento e as relaciona com sua própria vinda e ministério. Nos vários lugares em que ele aborda esse tema, ele “se move completamente dentro do círculo de ideias de Seus contemporâneos quando expressa o significado e a glória do período messiânico nas imagens do casamento e da festa de casamento”.

No início de seu ministério, Jesus usa imagens de casamento para explicar por que os discípulos de João Batista jejuam, embora os seus não o façam: “E Jesus disse-lhes: Podem porventura os filhos das bodas jejuar enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não podem jejuar” (Marcos 2:19). “Está claro... que, nesse contexto, o noivo é um indicador alegórico do Messias”, com as imagens do casamento sendo construídas sobre o relacionamento do Deus do Antigo Testamento com Israel.

Com este anúncio, Mounce observa o relato paralelo de Mateus e seu cenário do Antigo Testamento que “o banquete messiânico está em andamento”. De fato, a analogia do casamento era “tão amplamente

usada pelos judeus com referência ao reino de Deus que noivo=Messias teria sido imediatamente entendido”. Aqui “o Senhor se identifica com a noiva do profeta do Antigo Testamento”.

Sua próxima declaração chama a atenção: “Mas chegará o dia em que o noivo lhes será tirado, e eles jejuarão naquele dia” (Marcos 2:20). “A ideia de o noivo ser removido da cena do casamento é uma surpresa chocante”, especialmente à luz de toda a alegria. Aqui e no paralelo de Mateus, o noivo está sendo “levado embora” (*apairein*) ecoa Isaías 53:8 e implica violência. Isso serve como um indicador precoce da rejeição e morte de Cristo nas mãos dos judeus, como muitos comentadores observam.

As duas parábolas a seguir em Marcos 2:21–22 também exibem uma incongruência semelhante: usar material novo como remendo em uma roupa nova e despejar vinho novo em odres velhos são ações imprudentes. A nova roupa pode representar uma roupa de casamento e o novo vinho pode retratar a celebração de um novo casamento, como podemos supor da cultura antiga em geral e do registro bíblico em particular - mesmo neste contexto (ver Marcos 2:19– 20; compare com Mateus 22:2–12; João 2:1–10; confira Isaías 62:5). Essas parábolas indicam que as antigas formas judaicas não permitiriam expansão e devem ser totalmente substituídas, além de deixarem a clara impressão de que o cristianismo é o sistema que as substituirá.

Cedo também é o ministério de João Batista. João entende seu próprio papel de cumprir as Escrituras (João 1:23) ao chamar Israel ao arrependimento (Mateus 3:1–2) em preparação para o Messias (João 1:23–27). Como o último dos profetas do Antigo Testamento (Mateus 11:13) e familiarizado com as imagens do Antigo Testamento, ele também reconhece e anuncia o significado da vinda de Cristo em termos de simbolismo do casamento de aliança. Isso é digno de nota no fato de a pregação de João representar algumas das revelações mais antigas do Novo Testamento (após o nascimento e a infância de Cristo):

“Vocês mesmos testemunham que eu disse: ‘Eu não sou o Cristo’, mas ‘fui enviado diante dele’. Quem tem a noiva é o noivo; mas o amigo do noivo, que se levanta e o ouve, se alegra grandemente por causa da voz do noivo. E então essa minha alegria foi completa”.

(João 3:28–29)

Morris, citando Murray, observa esta passagem que “o próprio Deus estava em Cristo entregando sua noiva a si mesmo novamente”. João entende que “sua função é reunir noivo e noiva”. Nesse testemunho final de Cristo, ele baseia claramente suas imagens no simbolismo do Antigo Testamento da relação matrimonial de Deus com Israel. De fato, sua alegria com o noivo ecoa Isaías 62:5, onde “como o noivo se alegra com a noiva, assim seu Deus se alegra com você”.

Até o primeiro milagre de Cristo parece servir como uma metáfora (*semeiōn*) de se apresentar a Israel em termos de imagens de casamento (o vinho está associado ao banquete messiânico, Isaías 25:6; João 3:18; Amós 9:13). No evangelho de João, seu “começo de sinais” (João 2:11) para Israel transforma água em vinho em um banquete de casamento (João 2:1-10). Como Barclay observa (com muitos outros), devemos ler João em dois níveis, um nível superficial óbvio, mas também em um nível mais profundo, que apresenta uma imagem teológica maior. Ridderbos concorda. Morris observa que isso “significa que existe um poder transformador associado a Jesus. Ele transforma a água do judaísmo no vinho do cristianismo”.

Morris, Michaels e outros veem esse milagre paralelamente ao uso sinóptico de imagens de banquetes e noivos extraídos do Antigo Testamento e, portanto, exibindo Cristo como o noivo que veio. De fato, há “pouca dúvida” de que esse milagre é um sinal da vinda do reino de Deus retratado nas imagens das festas de casamento do Antigo Testamento. E, assim como as outras imagens de casamento aludiam à sua morte vindoura, esse milagre também acontece (João 2:4; compare com João 7:30; 8:20; Mateus 26:18) e é seguido por mais detalhes de sua eventual morte violenta (João 2:19–21).

E mais uma vez testemunhamos o motivo de substituição ao substituir a antiga esposa infiel (Israel) pela melhor esposa (cristianismo); vemos isso na mera água sendo transformada em vinho. E não é só isso, mas é surpreendente até para quem não conhece o milagre, porque o “bom vinho” é trazido para o casamento após o primeiro vinho (o cristianismo vem depois do judaísmo) (veja a discussão acima de Marcos 2 e João 2) Além disso, Jesus produz uma grande quantidade de vinho (mais de 120 litros) em vasos cheios até a borda (*anō* [em grego – significa acima, até o topo, até a borda, coisas acima, céu, a região celestial], João 2:7). Como Feuillet aponta, “Caná é um sinal, um símbolo da nova aliança” e o milagre faz parte de um motivo em João 2–4, onde vemos o templo antigo comparado ao templo perfeito (João 2:13–22), o antigo nascimento em Israel comparado ao novo nascimento do Espírito (João 3:1–21).

Curiosamente, Ridderbos, citando Olsson, vê João 2–4 contra a “tela do Sinai” de Êxodo 19. Olsson traça fortes paralelos entre a interpretação judaica de Êxodo 19 e esta seção do Evangelho de João (João 1:19–2:11). E como Êxodo 19 apresenta a formação de aliança de Israel como nação e indica seu casamento com Deus, isso é bastante significativo. “A tradição judaica a respeito dos eventos no Sinai frequentemente menciona o casamento do Senhor e Israel”.

Sete

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Ao continuarmos nosso estudo do rolo de sete selos de Apocalipse, devemos continuar com nossas ideias sobre o ministério terrestre de Jesus, que comecei no último artigo.

Durante seu ministério de três anos e meio, o Senhor veio por conta própria, mas eles não o receberam (João 1:11). O apóstolo João está particularmente preocupado em demonstrar esse problema recorrente (João 12:37-41), para que ele os caracterize como “judeus” para “denotar a nação judaica como hostil a Jesus”. E não é de admirar! Eles são *filhos* de *seu* pai, o diabo (João 8:44). No início do Evangelho de João, testemunhamos a mensagem de *João* Batista no deserto (João 1:23), que nos lembra o casamento de Deus com Israel no deserto (Êxodo 19:1-2); veja uma alusão à destruição vindoura do templo (João 2:19); aprenda sobre a monotonia dos líderes de Israel (João 3:10); e descubra que a adoração será descentralizada, longe do templo (João 4:21–23). No evangelho de João, “Jesus é amplamente rejeitado em Jerusalém e na Judéia”, enquanto “é na Galiléia e Samaria que ele é recebido e que muitos acreditam nele”. Em Jerusalém “‘o julgamento deste mundo’ e de seu governante ocorre”.

O chamado de Cristo a Israel cai em ouvidos surdos, de modo que ele considera Israel do primeiro século - como seus pais do Antigo Testamento – “uma geração adúltera” (Mateus 12:38–39; 16:4; Marcos

8:38; compare Josefo JW 5:9:4). Os estudiosos do Novo Testamento observam que são os “judeus céticos que pedem sinais como 'essa geração adúltera’”. Assim, em João, um “tema comum em João 2:1–4:42” é o ensinamento de Jesus sobre a “substituição dos antigos com o novo”, a substituição da história de Israel pela que Cristo produz: a água de Israel é substituída pelo vinho do cristianismo (João 2:1-11), o templo é substituído pelo próprio Cristo (João 2: 14-19), o velho nascimento em Israel com o novo nascimento (João 3:1–21), a velha água do poço com a nova água viva (João 4:7–15) e, finalmente, a substituição de Sião como local de culto pela adoração universal em Cristo (João 4:16–26). É interessante notar que, no pericope de adúltera, descobrimos que, embora apresentem uma mulher supostamente apanhada em adultério, nenhuma delas fica sem culpa, para que possam testemunhar adequadamente contra a mulher (João 8:7-11).

Como eu mostrei em um post anterior, Mateus leva para casa a rejeição judaica de Cristo por todo o seu evangelho. De fato, Telford cita Barclay ao observar que “não há evangelho que condena de maneira tão indiferente os judeus, e especialmente os fariseus”. Vou repetir parte do material posterior de Mateus, que eu ensaiei no capítulo 1, e fazer algumas observações adicionais relevantes para o presente argumento.

Nos últimos dias antes de sua crucificação, Jesus denuncia cada vez mais Israel e profetiza sua destruição por ter rejeitado suas propostas. Depois de atacar zelosamente a corrupção no templo, ele acusa que se tornou uma “cova de assaltantes” e cita as Escrituras chamando de “Minha casa” (Mateus 21:13). Pouco depois, amaldiçoa a figueira estéril e pede aos seus discípulos uma fé inflexível (Mateus 21:18–22). Este é claramente um símbolo da maldição de Israel por “a passagem estar de acordo com os ensinamentos de Jesus sobre o julgamento iminente no templo, seus ensinamentos sobre fé radical e seus comissionados discípulos para continuarem sua obra”. Assim, “a figueira devastada ou murcha é um emblema vívido do ativo castigo de Deus a seu povo em

Jeremias 5,17; 8,13; Oséias 2:12; 9:10, 16 e Amós 4:9 (confira também Salmo 105:33; Isaías 28:4; 34:4; Naum 3:12”).

A lição da figueira murcha intensifica-se na resposta de Jesus à surpresa de seus discípulos:

“E Jesus respondeu e disse-lhes: Em verdade vos digo que, se você tem fé e não duvida, não fará apenas o que foi feito à figueira, mas mesmo se você disser a esta montanha: “Seja levada e lançada ao mar”, isso acontecerá”.

(Mateus 21:21)

Aqui, Jesus insta seus discípulos a acreditarem que o monte do templo será destruído por isso “da mesma maneira que falhou em cumprir em sua razão de ser.

Pouco depois, ele apresenta a Parábola do Proprietário, que mostra o amor de Deus por Israel e seu contínuo desrespeito por ele (Mateus 21:33–44), enquanto avisa que “o reino de Deus será tirado de vocês e dado a um povo que produzirá o seu fruto” (Mateus 21:43).

Então, sua próxima parábola retoma a imagem do casamento que introduziu seu ministério (Mateus 22:1–7). A parábola da festa de casamento apresenta um rei (Deus) que prepara “um banquete de casamento para seu filho” (Mateus 22:2). O chamado sai para convidar todos para a festa, apenas para ser rejeitado (Mateus 22:3–6), fazendo com que o rei fique tão “enfurecido” que ele envia seus exércitos para destruir “aqueles assassinos e incendiar a cidade” (Mateus 22:7). A destruição do templo no ano 70 d.C. “está claramente prevista aqui”. Esta parábola mostra mais uma vez a “falta de resposta entre os judeus a Jesus e sua mensagem”. Em relação a esse motivo recorrente de casamento nos ensinamentos de Cristo: “a imagem dificilmente pode ser acidental”.

Em Mateus 22:14, ele tem esperança de um remanescente em Israel, pois “muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”. Ou seja, muitos (todos) de Israel receberam o chamado, mas apenas alguns (os remanescentes) foram escolhidos e o aceitaram. Em Apocalipse 7:4, João descreve esses poucos como os 144.000 “de todas as tribos dos filhos de Israel” (*ek pases phulês huion Israel*). Eles aparecem novamente em Apocalipse 14 com o Cordeiro no monte Sião celestial. Em Apocalipse 14:4, eles são designados como “castos” (literalmente, “vírgens” *parthenoi*), que os diferencia de Israel “adúltero” (Mateus 12:38–39; 16:4; Marcos 8:38). Eles são uma parte importante daqueles que aparecem em Apocalipse como os “comprados” (Apocalipse 5:9) - foram comprados com o preço da noiva (Gênesis 29:18; 34:12; Rute 4:10 [...]) levando à união conjugal com o Cordeiro em Apocalipse 21–22.

Em Mateus 23, Jesus denuncia os líderes religiosos de Israel, depois chora sobre Jerusalém por desprezar suas propostas amorosas: “Ó Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu queria reunir seus filhos, do jeito que uma galinha junta seus filhotes sob as asas, e vocês não estavam dispostos” (Mateus 23:37). Ele então não apenas declara o templo “desolado”, mas não o chama mais de “minha casa” (compare com Mateus 21:13; Lucas 2:49; João 2:16), mas “sua casa” (Mateus 23:38) enquanto ele se prepara para se afastar drasticamente (Mateus 24:1). “Ao fazer isso, ele levou a presença de Deus com ele, confiscando-a do templo”. De fato, “a partida final de Jesus do templo deve ser entendida como um sinal de que a sentença do julgamento de Deus nas palavras 'sua casa foi abandonada a você' está sendo imediatamente levada à realização.”

Depois de declarar a desolação do templo, ele declara sua total destruição (Mateus 24:2). No Antigo Testamento, o julgamento de Deus sobre o pecado de Israel incluía o abandono de sua casa (1º Reis 9:6–9; Jeremias 12:7; 22:5; Ezequiel 8:6; compare com Salmo 7:1). De fato, Ezequiel vê o Espírito saindo do templo para ficar sobre o Monte das Oliveiras (Ezequiel 11:22–25), que Jesus reencena deixando o

templo desolado e caminhando para o Monte das Oliveiras (Mateus 23:38; 24:1–3; compare com Mateus 24:15). O Novo Testamento daqui em diante espera o fechamento do sistema do templo (Hebreus 8:13; 12:25–27).

Surpreendentemente, Josefo registra vários sinais notáveis de que o templo está agora sem a presença de Deus. Ele registra uma das seguintes coisas:

“Como os sacerdotes iam de noite para a parte interna [quadra do templo], como era costume deles, realizar seus ministros sagrados, disseram que, em primeiro lugar, sentiram um tremor, e ouviram um grande barulho, e depois disso ouviram um som de grande multidão, dizendo: “Vamos sair daqui”.

(IJ 6:5:3)

Isso é ainda registrado pelo historiador romano Tácito, nascido durante o reinado de Nero:

“Viram anfitriões se unindo à batalha nos céus, o brilho ardente de armas, o templo iluminado por um repentino brilho das nuvens. As portas do santuário interno foram subitamente abertas, e uma voz de tom mais do que mortal foi ouvida aos gritos de que os deuses estavam partindo. No mesmo instante houve uma grande agitação a partir da partida”.

(Hist. 5:13)

Embora Mateus enfatize a confirmação de Jesus por seu ministério aos judeus (Mateus 10:6; 15:24), é inútil que eles eventualmente exijam sua crucificação - mesmo que Pilatos declare sua inocência (Mateus 27:17–24). No final, eles clamam: “Seu sangue estará sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:25) – cuja linguagem é escolhida desde a destruição do primeiro templo no Antigo Testamento (Ezequiel 33:4–5). Mateus fecha apropriadamente seu evangelho com a Grande Comissão a “todas as nações” (Mateus 28:19), assim como João fecha Apocalipse com a nova Jerusalém que desceu do céu com a provisão

de Deus para as “nações” (Apocalipse 21.24; compare com Apocalipse 21:3).

No primeiro século, a destruição final do templo realiza o divórcio conclusivo de Deus contra Israel. Em sua ação de divórcio no Novo Testamento, Deus a desestabiliza de tal maneira que a história redentora não é mais a história de um trabalho geopolítico com foco em judeus, exaltante a Israel, como no Antigo Testamento (Mateus 8:11; 21:43; compare com Amós 3:2a; Salmo 147:19–20). A obra de Deus agora alcança “todas as nações” (Mateus 28:19; Atos 1:8; 13:46–48; Colossenses 1:6) com quem se casará em Cristo (Efésios 5:25b – 27, 32; 2ª Coríntios 11:2)

A afirmação inicial do apóstolo João de que “ele veio por si próprio, mas os seus não o receberam” (João 1:11) é lembrada em uma de suas cenas finais: como resultado disso, Pilatos fez esforços para libertá-lo, mas os judeus clamaram dizendo: “Se você libertar este homem, você não é amigo de César; todo aquele que se torna rei se opõe a César”. Quando Pilatos ouviu essas palavras, ele trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal em um lugar chamado de *O Pavimento*, mas em hebraico Gabbatha. Agora era o dia de preparação para a Páscoa; era por volta da sexta hora. E ele disse aos judeus: “Eis o teu rei!” Eles, portanto, gritaram: “Fora com ele, fora com ele, crucifica-o!” Pilatos disse-lhes: Devo crucificar seu rei? Os principais sacerdotes responderam: “Não temos rei senão César”. Então ele O entregou a eles para ser crucificado.

Oito

Deus Decreta Seu Divórcio no Apocalipse

Este é o meu artigo final sobre o estudo do rolo de sete selos do Apocalipse. Neste, vou focar em Apocalipse 5 e os motivos do divórcio.

O casamento de aliança requer bases legais formais para o divórcio. Em Deuteronômio 24:1, lemos que o marido deve encontrar algo moralmente "impuro" (*ervab* [no hebraico]) nela. Jesus afirma os fundamentos morais para emitir um divórcio da aliança em Mateus 5:31–32 e 19:7–9: “fornicação” (*porneia* [no grego]). Em Isaías 50:1, o decreto de divórcio de Deus contra Israel menciona suas “iniquidades” (*peshaim* [no hebraico]). Em Jeremias 3, seu decreto de divórcio aparece no contexto de uma declaração a respeito de ela ser pactuamente “sem fé” (*meshubab* [no hebraico]) e “traíçoera” (*bagad* [no hebraico]) (Jeremias 3:6, 8). Qualquer que seja o significado desses termos, eles mostram a necessidade de bases morais para o divórcio. Na lei bíblica, ninguém poderia obter o divórcio por “qualquer causa” - ao contrário do desafio dos fariseus a Jesus (Mateus 19:3; ver também: Josefo, Ant. 4:8:23 [...]).

Em Isaías 1:21, Isaías declara que a “cidade fiel se tornou uma prostituta” porque ela era “cheia de justiça” e “retidão”, mas “agora assassina”. A “cidade fiel [Heb. Amém]” agora está agindo como uma “prostituta”, a mais infiel das mulheres. Como Young explica: “a

infidelidade de Jerusalém é um dos corações e pode se expressar de várias maneiras... Uma delas pode ter sido a idolatria, mas, como as seguintes palavras parecem explicativas, podemos dizer que a presença de assassinos e a corrupção geral do estado que foi descrita também foram manifestações dessa infidelidade. A palavra 'prostituta' é enfática; 'como se tornou uma prostituta a cidade fiel!'

Isaías já havia considerado Jerusalém do Antigo Testamento como Sodoma (Isaías 1:10), uma cidade conhecida nas Escrituras por grande iniquidade (Gênesis 13:13; 19:4-5; Jeremias 23:14; Ezequiel 16:49; 2ª Pedro 2:6-7; Judas 7) sem mencionar a idolatria.

Apocalipse 5 apresenta Cristo diante do trono de maneira a destacar os justos motivos para Deus se divorciar de Israel. Em Apocalipse 1:7, todo o tema do Apocalipse está enraizado no julgamento de Israel pela crucificação de Cristo (confira Mateus 21:33-40; 27:25; 1ª Tessalonicenses 2:14-16). Na cena do tribunal em Apocalipse 5, Cristo é repetidamente (enfaticamente) referido como o “Cordeiro que foi morto” (Apocalipse 5:12; compare com Apocalipse 6:9). Ele não é apenas um Cordeiro que já estava morto, mas agora está vivo (como Apocalipse 1:5, 18; 2:8, *nekrōn*, *nekros* [no grego]); ele é o Cordeiro que foi “morto” (*esphagō* [no grego]), isto é, cruelmente assassinado (Apocalipse 5:6, 9, 12; compare com Apocalipse 13:8). Até Pilatos quer libertar Cristo (Mateus 27:18, 19, 23a, 24), mas os judeus persistem (Mateus 27:20, 23b, 25), inclusive trazendo falsas testemunhas contra ele (Mateus 26:60). João enfatiza que os judeus buscam sua morte por grande parte de seu ministério (João 5:18; 7:1, 11; 10:31-33; 11:8, 47-53; 18:14; 19:7).

Em Apocalipse, esse inocente Cordeiro é o único no Universo que é “digno” de abrir os selos (Apocalipse 5:2) e ele era digno por ter sido cruelmente massacrado (Apocalipse 5:9), mesmo inocente. Sua dignidade é enfatizada três vezes (Apocalipse 5:2, 9, 12), bem como exigida por seu louvor celestial igual a Deus em bênção, honra, glória

e domínio (Apocalipse 5:13). Portanto, o decreto legal é justificado em tribunal.

Conclusão

O Apocalipse chega tarde no período da revelação canônica, 1500 anos após a revelação mosaica. Aparece na grande conjuntura redentor-histórica alcançada no primeiro século com a vinda de Cristo. Quando Deus se voltar para os gentios, em breve ele finalmente removerá seu antigo templo da aliança. A catástrofe do ano 70 d.C. é um evento importante na história da redenção que um livro intensamente com sabor judaico como o Apocalipse não deixaria passar. Isso abre a forte possibilidade de que o pergaminho em Apocalipse 5 represente o julgamento legal de Deus contra Israel, especialmente devido ao grande papel que o julgamento de Israel desempenha em outros lugares no registro do Novo Testamento (observe, por exemplo, os quatro principais oráculos de Lucas em Jerusalém, 13:32–35; 19:41–44; 21:20–24; 23:38–31).

Assim, como argumenta um estudioso, os julgamentos de Apocalipse “são melhor compreendidos à luz do 'castigo sétimo' que é desenvolvido na teologia jurídica judaica como um esquema de punição pela desobediência a Deus” (confira Levítico 6:18, 21, 24, 28). Isso também é afirmado por uma série de evidências contextuais relacionadas no Apocalipse, que desenvolvo em meu próximo comentário.

Além disso, as evidências sugerem que esse pergaminho é um decreto de divórcio contra a esposa infiel de Deus, Israel. De acordo com os ensinamentos de Cristo, nenhum homem pode se divorciar de sua esposa para separar alguém da justificação moral adequada e de obter um certificado de divórcio (Mateus 5:31–32; 19:9). Deus certamente

faz isso no Antigo Testamento em resposta ao envolvimento de Israel na prostituição (Isaías 50:1; Jeremias 3:8). A justificativa moral que Cristo exige para uma quebra tão radical da aliança é a *porneia* (fornicação), que por acaso está relacionada à palavra usada para a “prostituta” de Apocalipse: *pornos*. De fato, a prostituta é culpada de *porneia* (Apocalipse 14:8; 17:1–2; 18:2–3).

O Apocalipse mostra Deus emitindo um decreto de divórcio contra sua esposa prostituta em um cenário dramático na sala do tribunal antes de tomar uma nova noiva, a “nova Jerusalém”, a Igreja de Jesus Cristo. O movimento local nesta seção do Apocalipse é do trono de Deus (Apocalipse 4), a apresentação do decreto de divórcio e a abertura de Cristo (Apocalipse 5), os julgamentos que decorrem dele (Apocalipse 6), com uma pausa para considerar o remanescente fiel dos judeus (os 144.000 das doze tribos) e o resultante crescimento universal da Igreja Cristã (Apocalipse 7). Esse movimento é paralelo em aspectos importantes à revisitação do pergaminho (Apocalipse 10), à destruição do templo na cidade santa (Apocalipse 11:1–2) na presença de testemunhas (Apocalipse 11:3–8), com uma reiteração de suas consequências universais (Apocalipse 11:15) e sua visão do templo celestial (Apocalipse 11:16–18), que agora está aberto (Apocalipse 11:19). O divórcio de Israel leva a enormes mudanças histórico-redentoras.

Claramente, como argumenta um estudioso bíblico: “em Israel parece ser necessário algum tipo de documento escrito” para efetuar o divórcio, e isso requer procedimentos formais nos tribunais e testemunhas apropriadas (como mostra Mishnah, Gittin). Consequentemente, acredito que a abordagem de Ford está correta quando ele escreve: “os motivos da noiva e da adúltera em Apocalipse apontam para esse pergaminho. Pode ser facilmente uma declaração de divórcio; o Cordeiro se divorcia da Jerusalém infiel e se casa com a nova Jerusalém”.

Assim, agora você tem diante de mim minha compreensão das imagens cruciais do rolo de sete selos em Apocalipse. Há mais que se pode dizer, mas terá que ser dito mais tarde.

Obras importantes para pesquisa



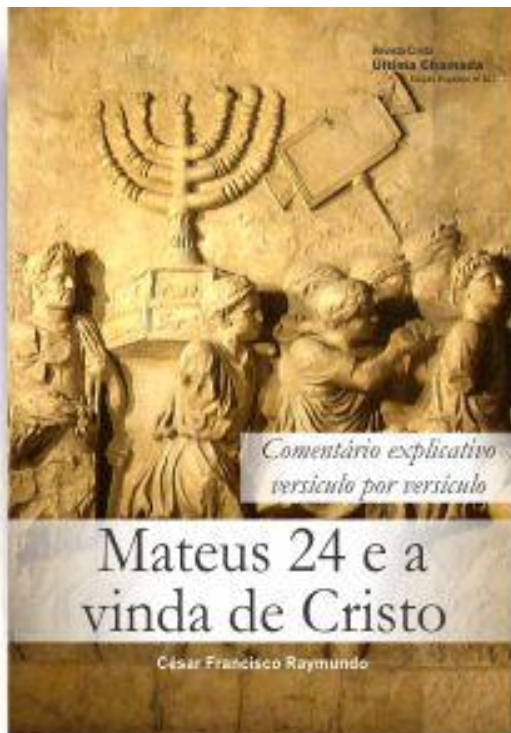
Imagine um guia simples, prático e objetivo sobre o qual um leigo possa ser iniciado no Preterismo? Esta é a proposta do e-book "Guia para iniciantes do Preterismo" escrito por Gary DeMar.

Neste e-book, o leitor encontrará um texto altamente elucidativo, notas explicativas, ilustrações e um entendimento geral sobre o que é a profecia bíblica e o Apocalipse. Também possui uma lista de grandes obras para consulta para aprofundamento no Preterismo.

Este e-book é altamente recomendado e é leitura obrigatória para aqueles que desejam iniciar seus conhecimentos para entender o Preterismo.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_guia_para-iniciantes_do_preterismo.html



.A maioria de todo o discurso atual sobre o fim do mundo e a vinda de Cristo é retirado de Mateus capítulo 24. É neste capítulo que Cristo falou dos oito sinais de sua "vinda", tais como guerras, rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos, evangelho sendo pregado em todas as nações e o amor se esfriando.

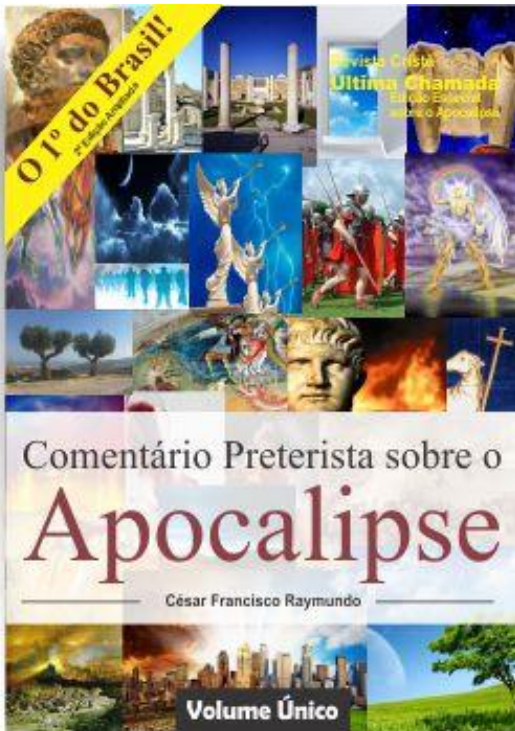
O problema é que nem sempre os cristãos acreditaram que Mateus 24 seja uma referência ao fim do mundo e a vinda de Cristo.

Pelo contrário, Mateus 24 fala não sobre o fim do mundo físico, mas sobre o fim da era judaica e a destruição do templo e Jerusalém e sobre a vinda de Jesus em julgamento contra Israel, eventos estes que ocorreram no ano 70 d.C. quando muitos discípulos ainda estavam vivos.

Nesse e-book o leitor terá um estudo detalhado e um comentário versículo por versículo sobre o que Jesus de fato ensinou em Mateus 24.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html



É com satisfação que apresentamos o primeiro e mais completo Comentário Preterista sobre o Apocalipse nunca antes publicado no Brasil. Nunca antes na história do país tivemos um comentário completo sobre o Apocalipse do ponto de vista preterista. Nele são comentados todos os 404 versículos do Apocalipse.

Este comentário é composto de Introdução, Evidências Internas e Externas sobre a data do Apocalipse, além de que é comentado minuciosa, exegética, histórica e gramaticalmente cada capítulo do Apocalipse. São mais de 500 páginas com conteúdo espiritualmente enriquecedor.

É um fato inédito que pela primeira vez vamos ter uma literatura que combata o que erroneamente tem sido ensinado sobre o Apocalipse nos últimos dois séculos. Sem ficção, sem fantasia e com muita base firmada em Cristo é que preparamos essa obra.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html